

# Um percurso epistemológico para a pesquisa empírica de comunicação

MARIA IMMACOLATA VASSALLO DE LOPES<sup>1</sup>

## AO MODO DE UMA APRESENTAÇÃO

**D**esenvolvo aqui um texto autorreflexivo, ao modo de uma autobiografia intelectual, que reconstrói momentos-chave da vida da autora a fim de esclarecer a sua inserção no campo de estudos da Comunicação. Costuro aqueles em que produzi trabalhos mais de corte epistemológico/metodológico que visaram tanto à construção de uma teoria da pesquisa empírica em comunicação quanto uma reflexão metodológica *lato sensu* sobre a prática da pesquisa comunicacional (lembrando com Saussure que “o ponto de vista cria o objeto”). Os objetos empíricos que escolhi<sup>2</sup> envolveram fenômenos de comunicação populares como programas radiofônicos e telenovelas. Trago comigo a condição de imigrante italiana que, fixando-se em São Paulo nos anos 1950, teve com o rádio e a televisão as primeiras e marcantes experiências com o que Martín-Barbero (1987), mais tarde, chamaria de “popular massivo”.

Desde este início, expresso um esforço deliberado de reflexividade, uma tentativa de autoanálise tentando relacionar vida e empreendimento intelectual e de firmar os princípios que nortearam certa coerência no pensamento e na ação, um pulso sobre o afeto e a razão. Busco aplicar na

---

1. É professora titular da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Temas de interesse: campo da comunicação, recepção da comunicação, ficção televisiva, metodologia da comunicação. Coordena o Centro de Estudos de Telenovela da USP e o Centro de Estudos do Campo da Comunicação da USP. Criadora e coordenadora da rede de pesquisa OBITEL (Observatório Ibero-Americano da Ficção Televisiva) e da rede de pesquisa OBITEL BRASIL. Presidente de IBERCOM – Associação Ibero-Americana de Comunicação. Diretora de *MATRIZES*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da USP. É pesquisadora 1A do CNPq.

2. A escolha dos temas de pesquisa dificilmente é responsabilidade exclusiva do pesquisador, antes, ela deve ser creditada a fatores subjetivos e objetivos, tanto micro como macrossociais.

desconstrução e reconstrução dessa trajetória o próprio método que fui lapidando ao longo de meu trabalho acadêmico. E afirmo ter escolhido como meu programa forte de estudo dois objetos da Comunicação – metodologia e telenovela – combinação que parece tão esdrúxula, à primeira vista, mas que, em verdade, dão completa organicidade a esse programa. Explico: meus trabalhos metodológicos me fazem compreender melhor a complexidade da telenovela e como o trabalho com a telenovela coloca desafios metodológicos e epistemológicos à pesquisa de Comunicação. Também posso afirmar que são as duas entre as minhas realizações que mais tiveram repercussão na área.

Para fins de exposição, porém, vou aqui dividir esses dois objetos de estudo.

### **I. A BUSCA DA PESQUISA COMO EMPREENDIMENTO INTELLECTUAL DE VIDA, OU O LONGO PERCURSO PARA A PESQUISA DE COMUNICAÇÃO**

A pesquisa constituiu-se em objeto de meus estudos a partir da graduação, realizada no curso de Ciências Sociais da USP. Tive a sorte de estudar nesse curso em um momento em que ele se configurava como a ponta de lança da crítica intelectual e pública ao regime militar (1964-1985) e como celeiro de nomes marcantes que formavam a chamada “escola paulista de Sociologia” em torno da figura de Florestan Fernandes. Acredito que devo à formação que ali tive a disposição que desenvolvi ao diálogo permanente, ainda que tenso e conflituoso, entre as diferentes linhagens paradigmáticas e teóricas que marcam as Ciências Humanas e Sociais.

Ali iniciei a construção de minha identidade teórica e política, em meio às batalhas da Rua Maria Antônia contra a ditadura militar e às batalhas ideológicas dentro do próprio curso de Ciências Sociais. A orientação básica do curso era marxista, mas um marxismo como paradigma teórico que era o avesso da ortodoxia, em permanente diálogo, por mais complexo que fosse, com autores de outras orientações teóricas. Esta configuração do curso não se dava só em termos da bibliografia adotada, mas também entre os próprios professores. Havia as famosas linhas das “cadeiras”. A da Sociologia I era de Florestan Fernandes e seus assistentes, a qual era totalmente distinta da Sociologia II, liderada por Rui Coelho, ou da cadeira de Antropologia, então dirigida por Egon Schaden. A primeira era de nítido corte marxista e dirigida para os estudos que hoje seriam

chamados “duros”: sociologia industrial, do trabalho, do desenvolvimento, do planejamento, enquanto as outras seguiam tendencialmente uma orientação estruturo-funcionalista. Todas, porém, eram mais perfiladas à escola europeia do que à norte-americana. Curiosamente, foi na cadeira do Professor Florestan que tive o maior contato com os clássicos do funcionalismo norte-americano (Parsons, Merton, Park, Linton, White e outros). A discussão maior que se travava, e que me interessava particularmente, era o que hoje definiria como “transgressão teórica”: numa pesquisa se podia usar indistintamente autores marxistas e funcionalistas? Florestan respondia a isso de uma maneira extremamente contemporânea ao dizer que dependendo do objeto, autores de outra matriz teórica que não fosse aquela de base do autor podiam ser assimilados, desde que houvesse um trabalho de apropriação dialética. Dialectizar, ou confrontar criticamente os autores sem cair num ecletismo teórico ingênuo. Isso afirmado em plena década de 1970, quando hoje, os mais incautos (“pós-modernos”?) acreditam que a problemática da diversidade de paradigmas teóricos é da última hora.

A questão da diversidade (vetor de dispersão) e da integração (vetor de convergência) teórica e metodológica das Ciências Sociais marcou-me profundamente e foi responsável por treinar-me um certo olhar interno, próprio da crítica epistemológica sobre as teorias em geral.

Outro ponto marcante foi o interesse por certos temas. Inclinar-me para temas materiais ou de economia política já encontrava seu contraponto em um nascente interesse pela sociologia da comunicação e da cultura. No fenômeno da comunicação de massa já me chamava a atenção não tanto a massificação, mas a preferência manifestada por públicos diversos pelos mesmos programas. O que o povo mais gostava de ver e de ouvir? Por quê? Queria aliar meu interesse pelo estudo da ideologia dominante a uma tendência inata pelo popular. Pretendia fazer um trabalho sobre Sílvio Santos desde que eu cursava a graduação. Outro tema que me sensibilizava era o das migrações. Meu interesse pela sociologia do planejamento incidia exatamente sobre a questão da modernização em países subdesenvolvidos, onde coexistiam temporalidades e espaços vividos profundamente diferentes. Além do que o tema das migrações também me atraía pela minha própria condição de ser *uma* imigrante. O “homem marginal” de Robert Park sempre me atraía. Acabei por ingressar na pós-graduação da ECA e por trabalhar na conjunção desses dois interesses, o do massivo

com o popular e o tema da marginalização social, do que resultou minha dissertação de mestrado, publicada como *O Rádio dos Pobres. Comunicação de massa, ideologia e marginalidade social* (1988).

O objeto dessa dissertação situava-se no trânsito interdisciplinar entre comunicação, sociologia e semiologia. Tinha por foco três programas populares de rádio e seu público de baixa renda. Tentei trabalhar com a dimensão sociológica do público, a dimensão semiológica do discurso radiofônico e a dimensão comunicacional entre as duas. Apresentava uma abordagem de base marxista, operando combinações teóricas e metodológicas diversas. Hoje, esse trabalho é tido como um precursor dos estudos de recepção. Estão lá a pesquisa de campo e a interpretação teórica dos dados empíricos; ainda, a dimensão da microestrutura do cotidiano e dos programas de rádio e a macroestrutura da sociedade brasileira a legitimar a marginalidade social e os meios de comunicação que exerciam a hegemonia cultural junto às camadas populares. A repercussão dessa pesquisa de mestrado não se deu de imediato, porém é um trabalho que vem sendo recuperado ou descoberto ainda hoje, o que me dá muita satisfação.

Depois do mestrado começo outra fase da minha trajetória de estudos. Ela tem a ver com a decisão de fazer um doutorado sobre a pesquisa de Comunicação, ou seja, uma pesquisa sobre a pesquisa, uma tese metodológica, que é afinal, uma pesquisa epistemológica. O projeto inicial era analisar o estado da arte da pesquisa de Comunicação no Brasil, sua constituição como campo de estudos interdisciplinares, suas áreas e linhas de pesquisa. Depois, ao longo do processo, o projeto foi ganhando um perfil nitidamente sobre a prática metodológica ao dirigi-lo para a análise interna de dissertações e teses sobre comunicação popular. Novamente, refaço as ligações com minhas raízes. Volto-me para a releitura da obra teórica de Florestan Fernandes. O modelo metodológico para a pesquisa de Comunicação que acabo propondo na tese de doutorado tem tudo a ver com ela. Persegue o rigor metodológico sem deixar de lado a “imaginação metodológica” do ofício de pesquisador. Propõe elaborar a pesquisa atendendo às demandas metodológicas expressas em níveis e fases que se articulam formando um modelo em rede. Reafirmo o princípio de que toda pesquisa é uma construção do investigador, ao mesmo tempo em que ela determina a prática desse investigador. Liberdade e determinismo – é a eterna batalha que se manifesta ao longo de todo processo de pesquisa.

## 2. UM MODELO METODOLÓGICO DE PESQUISA EMPÍRICA DE COMUNICAÇÃO

Após a defesa do doutorado, firmei duas linhas de interesse e de pesquisa na Pós-Graduação da ECA: Metodologia da Pesquisa em Comunicação e Comunicação e Cultura Popular. Nelas moldei o *habitus* que imprimiria à pesquisa e à docência: o trabalho transversal às disciplinas estabelecidas, a vigilância epistemológica do pensamento teórico e metodológico e o prazer pela pesquisa empírica.

O modelo metodológico para a pesquisa de Comunicação que acabei propondo na tese de doutorado foi publicado com o título de *Pesquisa em Comunicação. Formulação de um modelo metodológico* (1990) e tem tudo a ver com esse meu *habitus*. Persegue o rigor metodológico sem deixar de lado a “imaginação metodológica” do ofício do pesquisador. Esse modelo metodológico é uma de minhas duas realizações que mais tiveram repercussão na área. A outra é a telenovela de que falarei adiante.

As observações que se seguem derivam desse modelo e dos trabalhos que desenvolvi aprofundando-o e ajustando-o<sup>3</sup>. É um modelo metodológico para a pesquisa empírica de Comunicação e ele se tornou referência central em meus trabalhos sobre a epistemologia, a teoria e as práticas da pesquisa. Ele propõe planejar e realizar a pesquisa atendendo a demandas de operações metodológicas que se expressam em níveis e fases que se articulam formando um modelo em rede. Defino a metodologia da pesquisa como um processo de tomada de decisões e opções que estruturam a investigação em níveis e em fases que se realizam num espaço determinado que é o espaço epistêmico. Minhas referências básicas nesse modelo são: Bachelard, Bourdieu, Piaget, Florestan Fernandes, Wallerstein, Vattimo, Morin e Martín-Barbero.

Seu enfoque é metodológico *lato sensu*, isto é, interno ao fazer científico e onde ele se confunde com a reflexão epistemológica. Dois pontos destacam-se nesse enfoque. O primeiro é que a epistemologia é tratada ao nível histórico e operatório, na tradição de Bachelard (1949, 1972, 1974), isto é, como sendo um nível da prática metodológica, entendendo-se, portanto, que a reflexão epistemológica opera internamente à prática da pesquisa. A reflexão epistemológica é a operação metodológica de entrada e se

---

3. Numa linha do tempo dos trabalhos sobre metodologia da pesquisa de Comunicação, seleciono os seguintes: Lopes (1990, 1993, 1994, 1997, 1999, 2000a, 2000b 2003a, 2005, 2006a, 2006b, 2009a, 2010, 2011a, 2011b, 2015a).

desenvolve através de ações de permanente vigilância e de autocontrole sobre a prática da pesquisa e dela resulta a *autonomia relativa da pesquisa*. Em outros termos, a crítica epistemológica rege os critérios de validação interna do discurso científico. O segundo ponto a destacar é que a reflexão epistemológica é necessária, mas não é suficiente se não for combinada aos critérios de validação externa apoiados na crítica feita pela sociologia do conhecimento. Como recurso de crítica epistemológica da pesquisa de Comunicação retomo algumas concepções da sociologia da ciência. E aqui, encontro correspondências com o conceito de *sociedade da comunicação generalizada*, de Vattimo (1992) e de *agenda de nação* na pesquisa, de Martín-Barbero (2009).

Segundo Bourdieu (1975: 99), “é na sociologia do conhecimento que se encontram os instrumentos para dar força e forma à crítica epistemológica, revelando os supostos inconscientes e as petições de princípio de uma tradição teórica”. Desta forma, minhas considerações epistemológicas não são feitas no âmbito do discurso científico genérico e abstrato, antes, ao contrário, elas concebem a pesquisa como prática sobredeterminada por condições sociais de produção do conhecimento e *igualmente* como prática que possui uma autonomia relativa. Aqui, essa prática é o próprio processo de produção do conhecimento dotado de uma lógica interna própria e de mecanismos de autocontrole, o que impede que a pesquisa se converta numa mera caixa de ressonância das condições externas de sua produção e, portanto, num discurso totalmente ideológico. Deste modo, concebemos a pesquisa como um campo epistêmico submetido a determinados fluxos e exigências internas e externas.

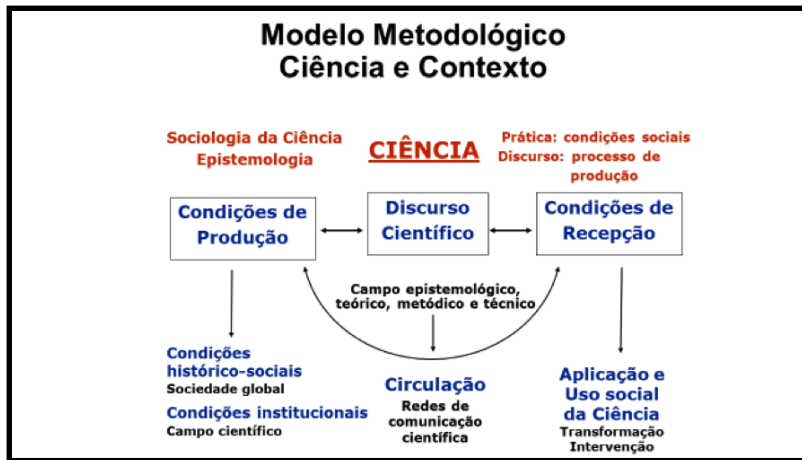
### As condições de produção da pesquisa no modelo metodológico

De acordo com a sociologia da ciência, a ciência é vista como um sistema empírico de atividade social que se define por um certo tipo de discurso decorrente de condições concretas de elaboração, difusão e desenvolvimento. São as condições de produção que definem o horizonte dentro do qual se movem as decisões que permitem falar de uma certa maneira sobre um certo objeto. Em outro texto (Lopes, 1997), indiquei que as condições de produção de uma ciência podem ser resumidas em três grandes contextos. O primeiro é o *contexto discursivo*, no qual podem ser identificados paradigmas, modelos, instrumentos, temáticas que circulam em determinado campo científico. Trata-se propriamente da história de

um campo científico, os percursos pelos quais ele vem se constituindo, firmando suas tradições e tendências de investigação. O segundo é o *contexto institucional*, constituído por mecanismos de mediação entre as variáveis sociológicas globais e o discurso científico e que se realizam como dispositivos organizativos de distribuição de recursos e de poder dentro de uma comunidade científica. Corresponde ao que Bourdieu (1983) chama de campo científico. E o terceiro fator que é o *contexto histórico-social*, onde residem as variáveis sociológicas que incidem sobre a produção científica, com particular interesse pelos modos de inserção da ciência e da comunidade científica dentro de um país ou no âmbito internacional.

Segue-se que o conhecimento científico é sempre o resultado desses múltiplos fatores, de ordem científica, institucional e social, os quais constituem as condições concretas de produção de uma ciência. Esse discurso científico tem suas condições próprias de circulação e de recepção, através das quais é socializada e aplicada visando à intervenção e à mudança sociais. É o que pode ser visualizado no gráfico 1.

Gráfico 1



O processo de produção da pesquisa no modelo metodológico

Falar de metodologia implica sempre um "falar pedagógico", pois parte-se, de todo modo, de uma determinada concepção de pesquisa, ou mais propriamente, de uma determinada teoria da pesquisa que é concretizada na prática da pesquisa. O efeito desse falar remete invariavelmente a

um “como fazer pesquisa”. Assim, sublinho que as presentes ponderações derivam de minha prática com o ensino de metodologia, com a avaliação institucional de projetos de pesquisa de Comunicação, além, é claro, de minhas próprias experiências de investigação. Isso tem me dado, no mínimo, a possibilidade de basear minhas concepções na crítica à prática concreta da pesquisa, basicamente a brasileira.

São *dois princípios básicos* que regem esse modelo: 1) a reflexão metodológica não se faz de modo abstrato porque o saber de uma disciplina não é destacável de sua implementação na investigação. Portanto, o método não é suscetível de ser estudado separadamente das investigações em que é empregado; 2) a reflexão metodológica não só é importante como necessária para criar uma atitude consciente e crítica por parte do investigador quanto às operações que realiza ao longo da investigação. Deste modo, torna-se possível internalizar um sistema de hábitos intelectuais, que é o objetivo essencial da metodologia.

Apoio-me em ensinamentos da linguística para abordar a ciência como linguagem e, como tal, constituída por dois mecanismos básicos, de seleção e de combinação de signos, aquele operando no eixo vertical, paradigmático, ou da língua, e este no eixo horizontal, sintagmático ou da fala. As decisões e opções na ciência, que são do eixo do *paradigma*, são feitas dentro do conjunto das possibilidades teóricas, metodológicas e técnicas que constituem o “reservatório disponível” de uma ciência num dado momento de seu desenvolvimento num determinado ambiente social. Essas opções são atualizadas através de uma cadeia de movimentos de combinação, que são do eixo do *sintagma* e que resultam na prática da pesquisa. Assim, o campo da pesquisa é, ao mesmo tempo, estrutura enquanto se organiza como discurso científico e é processo enquanto se realiza como prática científica.

Quero ressaltar que um ponto central dessa concepção de pesquisa é a noção de modelo que ela acarreta. Seu postulado é a autonomia relativa da metodologia, isto é, um domínio específico de saber e de fazer e o decorrente trabalho metodológico reflexivo e criativo.

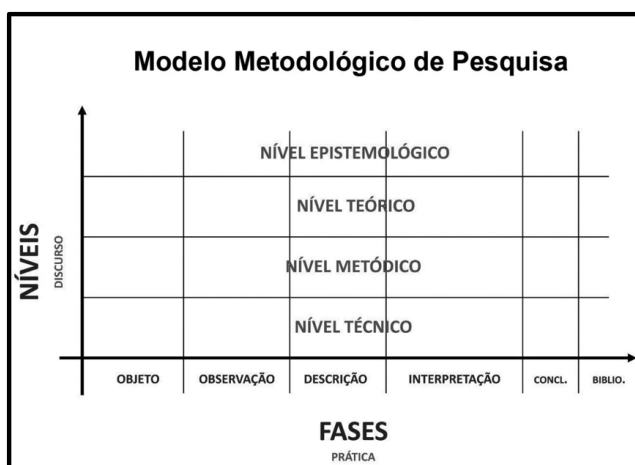
Mas, por que construir um modelo metodológico para a pesquisa de Comunicação? Como lembra Granger (1960), a tarefa da ciência é a construção de modelos que objetivam a experiência, mesmo que sua realização seja sempre aproximativa, uma vez que o trabalho científico assenta sobre uma inadequação, uma tensão sempre presente entre o pensamento formal



e a experiência humana que pretende conceituar. Talvez seja na presença mesma dessa tensão entre o discurso científico e o real que se assenta o ideal de compreensão da ciência.

O modelo metodológico que apresento articula o campo da pesquisa em níveis e fases metodológicas, que se interpenetram dialeticamente, do que resulta uma concepção, simultaneamente, topológica e cronológica de pesquisa. A visão é a de um modelo metodológico que opera em rede. O eixo paradigmático ou vertical é constituído por quatro níveis ou instâncias: epistemológica, teórica, metódica e técnica; o eixo sintagmático ou horizontal é organizado em quatro fases: definição do objeto, observação, descrição e interpretação. Cada fase é atravessada por cada um dos níveis e cada nível opera em função de cada uma das fases. Além disso, os níveis mantêm relações entre si e as fases também se remetem mutuamente, em movimentos verticais, de subida e descida (indução/dedução, graus de abstração/concreção) e de movimentos horizontais, de vai-e-vem, de progressão e de volta (construir o objeto, observá-lo, analisá-lo, retomando-o de diferentes maneiras). É o que se visualiza no Gráfico 2.

Gráfico 2



Esse modelo metodológico pretende ser crítico e operativo ao mesmo tempo. Em ciência, todo modelo é uma representação ou um simulacro construído que permite representar um conjunto de fenômenos e que é capaz de servir de objeto de orientação (Greimas e Courtés, s/d).

No nosso caso, ele é construído conscientemente com fins de descrição, de explicação e de aplicação concreta. Esta aplicação vem sendo testada concretamente em projetos de pesquisa de Comunicação nos cursos de graduação, porém, sua aplicação tem se dado fundamentalmente nos de pós-graduação. Devido ao lugar “estratégico” que venho ocupando, tenho tido a oportunidade especial de analisar parte desses projetos de pesquisa e de acompanhar os usos do modelo nas pesquisas acadêmicas de Comunicação.

Como modelo de prática metodológica ou de construção metodológica de pesquisa, o modelo incide não na superfície do discurso, mas no nível de sua estrutura onde se dão as operações de construção do discurso científico. E a pedra de toque é que esse discurso é feito de opções e decisões que implicam a responsabilidade intransferível do autor pela montagem de uma estratégia metodológica de sua pesquisa, o que impõe que as opções sejam tomadas com consciência e explicitadas enquanto tal: uma opção específica para uma particular pesquisa em ato.

Construir metodologicamente uma pesquisa implica, então, em adotar uma teoria da pesquisa que constrói sua estrutura em níveis e fases e em operar, praticar as operações metodológicas através das quais cada nível e cada fase se realizam.

Não cabe aqui fazer uma exposição do modelo, feita em outro lugar (Lopes, 1990). Antes, gostaria de apresentar algumas questões críticas relativas à pesquisa de Comunicação reveladas pelo uso desse modelo. Elas estão resumidas abaixo.

## **PRINCIPAIS OBSTÁCULOS METODOLÓGICOS NAS PESQUISAS DE COMUNICAÇÃO**

### *Ausência de reflexão epistemológica*

- história do campo
- campo interdisciplinar: concepção objeto-método
- reflexividade e crítica das operações de pesquisa

### *Fraqueza teórica*

- insuficiente domínio de teorias
- imprecisão conceitual
- problemática teórica / problema empírico

*Falta de visão metodológica integrada*

- níveis / fases
- nível epistemológico / teórico / metódico / nível técnico
- objeto / observação / análise

*Deficiente combinação métodos / técnicas*

- estratégia multimetodológica é rara

*Predomínio da pesquisa descritiva*

*Persistente dicotomia da pesquisa quantitativa x pesquisa qualitativa*

Considero que o trabalho com o modelo metodológico levou-me naturalmente a pesquisar tópicos de “estudos do campo” em que o apliquei. Cito, por exemplo, um projeto de pesquisa nacional sobre os egressos dos cursos de graduação de Comunicação, de base quantitativa, cuja estratégia metodológica apresentei na minha tese de livre-docência (Lopes, 1998). Também aí coloco meu interesse pelos estudos bibliométricos<sup>4</sup>, em que a combinação da metodologia de banco de dados com a metodologia visual da teoria dos grafos me permitem entender certos aspectos do funcionamento do campo.

Também credito a esse modelo metodológico minhas incursões no processo de institucionalização do campo da Comunicação no Brasil. Refiro-me à organização da Pós-Graduação em Comunicação no país, retomando meu original projeto de pesquisa de doutorado sobre o estado da arte da pesquisa de Comunicação. Em verdade, são três os tópicos que me interessam nos processos de institucionalização do campo da Comunicação no Brasil: 1) o desenvolvimento da pós-graduação onde se fixa a pesquisa acadêmica e 2) os debates organizados pelas sociedades científicas da área; 3) a difusão do conhecimento da área.<sup>5</sup>

4. Ver, por exemplo, Lopes; Romancini (2006, 2009).

5. Com referência ao primeiro tópico, estive envolvida em trabalhos que remetem à coordenação do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da USP; aos processos de avaliação da CAPES e à organização da pós-graduação na área através da COMPÓS. Quanto ao segundo, minha atuação tem sido no sentido de estimular os debates sobre a pesquisa em associações científicas no país, como a INTERCOM e no exterior (entre outras, está a ASSIBERCOM – Associação Ibero-Americana de Comunicação – que presido atualmente. E no que tange ao terceiro, está meu trabalho frente a *MATRIZES*, revista do PPGCOM-USP, desde que foi fundada, em 2007.

### 3. AS PESQUISAS SOBRE TELENOVELA E O PROJETO OBITEL

Retomo o que afirmei no princípio sobre a segunda de minhas realizações que obteve repercussão na área. Como disse, a consciência do papel do intelectual crítico num país periférico e a necessidade de eleger objetos importantes de pesquisa levaram-me aos estudos do popular em comunicação. A filiação gramsciana, combinada aos estudos culturais e à tradição dos estudos de comunicação latino-americanos de recepção, estão na base de dois estudos de recepção, de rádio e de telenovela, ambos com forte preocupação metodológica. O primeiro, que já reportei acima, dos anos 1980, combinava metodologia quantitativa e qualitativa na recepção do discurso radiofônico e o segundo, dos anos 1990, teve por objetivo principal traduzir metodologicamente a teoria das mediações de Martín-Barbero numa pesquisa de recepção de telenovela.

Aqui eu reencontro meus temas de interesse permanente: a exploração metodológica e a vertente do popular, agora atualizados através do paradigma das mediações que, para mim, constitui um marco na perspectiva comunicacional porque se situa no nível epistemológico do objeto da comunicação por combinar múltiplas interfaces disciplinares. Em outras palavras, o paradigma das mediações comunicativas expressa cabalmente o estatuto transdisciplinar do campo da comunicação.

O protocolo metodológico da pesquisa de recepção de telenovela, a que chamei de *protocolo multimetodológico*, pois devia dar conta de múltiplas mediações, combinava métodos qualitativos como a etnografia, a história de vida, o depoimento, e quantitativos como o questionário e a escala, além da análise da narrativa ficcional televisiva. Realiza-se aí, uma combinação específica de métodos e técnicas “disciplinares” orientada pela perspectiva transdisciplinar da Comunicação. A estratégia metodológica visava dar conta da assistência conjunta com quatro famílias de condições sociais distintas de uma mesma telenovela que naquele momento estava no ar – *A Indomada* (Globo, 1997). O grupo familiar foi a unidade de pesquisa e os resultados foram de várias ordens: teórica, por ter permitido criar conceitos como “repertório comum”, “contrato de recepção” e “palimpsesto do receptor”; metodológica, por ter explorado a metodologia das mediações em um projeto de pesquisa; e empírica, por ter demonstrado que cada família se apropriava diferentemente dos significados da telenovela no seu cotidiano e “escrevia” sua própria telenovela, o que chamamos de “palimpsesto do receptor”. Esse trabalho foi realizado por uma equipe interdisciplinar e

publicado com o título de *Vivendo com a telenovela. Mediações, recepção e teleficcionalidades* (Lopes; Borelli; Resende, 2002).

A ressonância desse trabalho foi grande nos estudos de recepção e também como proposta teórica e metodológica que extrapolava esses estudos. Foi este último aspecto o que me provocou um crescente interesse pelo estudo da ficção televisiva e, curiosamente, despertou-me a vontade de extrapolar também os estudos de caso em que a telenovela estava então circunscrita. Levou-me a aderir à “palavra de ordem” de Roger Silverstone de que era preciso “sair da casa e ir para a rua”, a fim de dar nova dimensão aos estudos culturais de televisão. Foi o que me fez procurar e encontrar em um estágio de pós-doutorado<sup>6</sup> uma “metodologia de observatório” como uma resposta para renovar teórica e metodologicamente os estudos de telenovela.

Por isso, não tenho dúvidas de que nesse pós-doutorado aconteceu um novo ponto de fusão de elementos afetivos e intelectuais, de elementos nativos e migrantes, de minha identidade híbrida, como híbrido era o meu objeto de pesquisa – a telenovela – um objeto popular e acadêmico. Uma pesquisadora brasileira na Itália ou uma pesquisadora “italo-brasileira”, como lá me chamaram e gostei de ser chamada. Descobri que esse hífen parece marcar toda a minha trajetória intelectual, e também de vida. Hífen que representa ponte, travessia, hibridação, duas coisas ao mesmo tempo, a não exclusão, a contiguidade de opostos e de ambivalências, a complexidade, a conexão, enfim, a comunicação. Na Itália fui viver a minha dupla/múltipla nacionalidade, italiana, brasileira, latino-americana, fui trabalhar com um objeto acadêmico-popular – a telenovela –, estudar como essa narrativa viaja por entre muitas fronteiras e se afirma como narrativa brasileira, como gênero da televisão latino-americana. Espelho de minha própria condição de vida?

Os trabalhos que se seguiram desde então permitiram-me desenvolver conceitos como o de *telenovela como narrativa da nação* (Lopes, 2003b) e o de *telenovela como recurso comunicativo* (Lopes, 2009) dentro da experiência do projeto OBITEL.

O Observatório Ibero-Americano da Ficção Televisiva (OBITEL) constituiu-se, desde sua criação em 2005, em um projeto internacional de pesquisa cujo objeto era o monitoramento anual da produção, circulação,

---

6. Fiz esse estágio em 2001, na Universidade de Florença, Itália, junto ao Osservatorio della Fiction Italiana (OFI), coordenado por Milly Buonanno.

audiência e repercussão sociocultural da ficção televisiva na América Latina e Península Ibérica (Lopes, 2006).

Desde então, o OBITEL vem produzindo análises de natureza quantitativa e qualitativa com o objetivo principal de identificar, por meio do método comparativo, as semelhanças, especificidades, adaptações, apropriações entre as diversas narrativas de ficção produzidas e exibidas pelas televisões dos países da região ibero-americana. Iniciou-se como um projeto intercultural que tinha por objetivos principais: identificar e interpretar as representações que os diversos países fazem de si e dos outros por meio das produções ficcionais de televisão; criar indicadores culturais por meio dos quais tais países constroem e reconstróem cotidianamente elementos de sua identidade cultural; acompanhar os modos como se produzem, circulam e se consomem as ficções televisivas. Esses objetivos têm possibilitado ao Observatório construir, ao mesmo tempo, uma visão mais aprofundada e de conjunto sobre a força cultural e econômica que a ficção adquire através das televisões desses países.<sup>7</sup>

O destaque à especificidade de uma sociedade que se exprime nas tendências de uma produção televisiva remete ao conceito de gênero como *categoria étnica* (Appadurai, 1996), e de *matriz cultural* (Martín-Barbero, 2001). Significa conjugar dois aspectos do problema dos gêneros: o primeiro, clássico, que situa o gênero como conjunto de regras de produção discursiva, de acordo com o qual o melodrama segue os movimentos próprios das sociedades e dos campos culturais específicos de cada país. O segundo aspecto refere-se ao fato de que o gênero é igualmente definido pela maneira pela qual um conjunto de regras se institucionalizam, se codificam, se tornam reconhecíveis e organizam a *competência comunicacional* dos produtores e consumidores, dos emissores e destinatários.

Hoje fala-se, mais do que nunca, que as “culturas viajam”, enfatizando a grande mobilidade, as práticas de deslocamento tanto de pessoas como de ideias. E isso remete à dinâmica da importação-exportação intercultural que afeta profundamente a construção e reconstrução das culturas no cenário atual da globalização.

As narrativas televisivas ocupam um papel central nesse processo. Cada vez mais aumentam os fluxos de importação-exportação de ficção

---

7. Atualmente, o OBITEL é formado por 12 grupos nacionais de pesquisa de: Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Espanha, Estados Unidos (produção hispânica), México, Peru, Portugal, Uruguai e Venezuela.

televisiva doméstica de um país a outro. Verificamos principalmente o crescente aumento das coproduções concebidas sobre um sentido multi ou transnacional porque destinadas ao consumo de diferentes audiências nacionais.

A ficção é importante para a economia da televisão pela relevância das suas funções e seus significados culturais, embora não haja ainda a esse respeito uma suficiente consciência nos estudos de Comunicação.

De outro lado, porém, as modernas epistemologias sociológicas revelam como a realidade se cria e se experimenta dentro e através das suas representações. Daí, dizemos que o *real é imaginário*, nos termos de um *realismo emocional* (Ang, 1985), que não restitui uma imagem especular e fiel da realidade, mas alarga o horizonte das experiências para esferas imaginárias, de elaboração, identificação, projeção, que são partes constitutivas da vida cotidiana e, por isso mesmo, pedaços significativos e ativadores de efeitos de realidade. É muito menos por ser uma fuga que uma dilatação simbólica do mundo social que temos que nos ocupar da ficção.

Por isso, a tese que sustenta o trabalho do OBITEL é que a *comunicação intercultural* tem na teleficção seu gênero por excelência.

Definir o gênero como *categoria étnica* é avançar na percepção do vínculo social cuja existência é reafirmada pela televisão e que lhe permite funcionar como dispositivo de amplificação em uma comunidade de significações, a *comunidade imaginada e narrada*.

O processo de globalização, ao mesmo tempo em que confunde o campo de competência dos territórios-nações, introduz um elemento de fragilidade nas marcas de identidade cultural que neles se configuraram historicamente. A diferença cultural, enquanto corresponde a uma identidade histórica e geograficamente constituída, é submetida à tensão pela norma da competitividade introduzida no mercado de bens culturais e pela forte tendência da conquista de um público externo. A transgressão de fronteiras nacionais é também a transgressão de universos simbólicos.

Por isso, a ficção televisiva é hoje um enclave estratégico para a produção audiovisual ibero-americana, tanto por seu peso no mercado televisivo como pelo papel que ela joga na produção e reprodução das imagens que esses povos fazem de si mesmos, e através das quais se reconhecem. Só este fato pareceu-me suficiente o bastante para tornar indispensável um projeto sistemático de análise sobre os diferentes sentidos da teleficção no plano nacional, regional e internacional.

Estruturada no Brasil, e também na América Latina, nos anos 1960 e 1970, a telenovela foi um fator determinante na criação de uma *capacidade televisiva nacional* que se projetou não só numa extensiva produção como também numa particular apropriação do gênero, isto é, sua *nacionalização*. Entretanto, isso vai além de modelar o caráter nacional da telenovela. Duas dinâmicas diferentes, mas intimamente conectadas estão envolvidas: uma delas empurra para a integração do espaço latino-americano e outro mobiliza o mercado mundial. Dentro da América Latina, a telenovela conta com a vantagem de um longo processo de identificação massiva e popular, colocada em movimento desde os anos 1940 e 1950, resultando no que poderíamos chamar de um processo de *integração sentimental* dos países latino-americanos – um padrão de modos de sentir e de expressar, de gestos e sons, ritmos de dança e de cadências narrativas – tornada possível pelas indústrias culturais do rádio e do cinema. Isto quer dizer que, enquanto marco nesta dinâmica de integração – os países em sua pluralidade nacional e diversidade cultural – a telenovela é também o lugar em que intervém a dinâmica da globalização do mercado mundial. A internacionalização da telenovela responde ao movimento de ativação e reconhecimento do que é especificamente latino-americano num gênero televisivo que, de longa data, exporta sucessos nacionais.

Contraditoriamente, sua internacionalização também responde ao movimento de progressiva neutralização das características de uma *latino-americanidade* de um gênero que a lógica do mercado mundial pretende converter em transnacional no momento de sua produção.

Nesse sentido, o fato mais recente são as crescentes coproduções entre os países latino-americanos e ibéricos com grandes produtoras internacionais como HBO, Fox e Netflix. A entrada das telenovelas latino-americanas no mercado audiovisual mundial certamente mostrou o nível de desenvolvimento atingido pela indústria da televisão nesses países e também significou, em alguma medida, o rompimento da linha demarcatória entre o norte e sul, entre países destinados a ser produtores e países destinados a ser exclusivamente consumidores.

São desafios que se colocam no mercado televisivo cada vez mais hegemônico, mas também mais fragmentado e segmentado em sua produção e consumo, além de progressivamente complexificado pelo aparecimento de novos atores sociais e novas identidades coletivas. Esse é o cenário contemporâneo da ficção televisiva, fruto da crescente mobilidade de ideias,



bens e pessoas. São desafios em que convivem processos ambivalentes como a tendência a dissolver as diferenças culturais e à indiferenciação das audiências, por um lado, e por outro, a tendência à migração e à afirmação em outros territórios de um *gênero regional*, como a telenovela latino-americana.

Por isso, em função da importância econômica e cultural que assume esse gênero, é que propusemos o projeto de um *observatório permanente da ficção televisiva ibero-americana*, destinado a organizar coletivamente estudos até agora muito fragmentados e a trabalhar com um enfoque integral da produção, produto e recepção desse gênero.

### O protocolo metodológico OBITEL

A metodologia do OBITEL está na construção e o aprimoramento, ao longo de seus dez anos de existência, de um *protocolo metodológico* comum, adotado por todas as equipes do OBITEL, que reúne técnicas e métodos de análise quantitativas e qualitativas, o que possibilita uma visão tanto sincrônica quanto diacrônica das transformações pelas quais vêm passando as indústrias televisivas no âmbito ibero-americano. A visão sincrônica é possibilitada pelo monitoramento anual da produção do país de que resulta um retrato informado, e a visão diacrônica é dada pela série histórica construída ao longo dos anos, o que permite verificar permanências e mudanças, inovações e tendências da ficção televisiva na região.

O protocolo metodológico prevê um conjunto de atividades que podem ser assim resumidas:

- 1) seguimento sistemático dos programas de ficção que são transmitidos pelos canais abertos dos 12 países que participam da rede;
- 2) geração de dados quantitativos comparáveis entre esses países: horários, programas de estreia, número de capítulos, índices, perfil de audiência, temas centrais da ficção;
- 3) identificação de fluxos plurais e bilaterais de gêneros e formatos de ficção, o que se traduz nos dez títulos de ficção mais vistos, seus temas centrais, índice de audiência e *share*;
- 4) análise das tendências na narrativa e nos conteúdos temáticos de cada país (dados de consumo de outras mídias, como internet, e de outros gêneros de programa, investimentos em publicidade, acontecimentos legais e políticos sobressalentes do ano), assim como tudo aquilo que

cada equipe de pesquisa nacional considerar como “o mais destacado do ano”, especialmente no que se refere às mudanças havidas na produção, nas narrativas e nos conteúdos temáticos preferenciais.

5) análise da recepção transmídia e das interações das audiências com a ficção em cada país; a seleção do caso a analisar é devida a um comportamento peculiar na internet ou nas redes sociais. O fenômeno da participação dos usuários nas redes levou-nos a explorar uma metodologia para captar essa participação através dos conteúdos gerados (Lopes, 2011b) e também a nos interessar pela metodologia de monitoramento on-line (Lopes, 2015b).

6) Publicação dos resultados do monitoramento sistemático na forma de *Anuário*, com atenção especial a um tema particular, chamado “tema do ano”. Esse tema é o que dá título a cada anuário e já tivemos, por exemplo, a recepção transmídia, a internacionalização da ficção; a memória social; as relações de gênero, entre outros.

Além disso, trabalhamos, também, com os dados gerados no interior das equipes de pesquisa a partir de outras fontes, como notas de imprensa, informação da internet, material de áudio e vídeo, assim como aquelas derivadas de contatos diretos com agências e atores do meio audiovisual de cada país.

São três as linhas de pesquisa que confluem no Protocolo Metodológico:

- Uma linha quantitativa-descritiva, com o fim de situar os dados da pesquisa na produção e recepção real da ficção televisiva de cada país.
- Uma linha de análise da produção e recepção, de caráter qualitativa/interpretativa, com o fim de dar conta dos aspectos sociais e culturais inerentes aos conteúdos veiculados na ficção televisiva de cada país.
- Uma linha de análise comparativa, a fim de sintetizar as características e tendências da ficção televisiva ibero-americana, representada pelos 12 países participantes.

O produto deste sistemático trabalho de monitoramento e de análise, no qual convergem metodologias quantitativas e qualitativas, constitui a matéria de elaboração de um *Anuário da Ficção Televisiva Ibero-americana* que apresenta uma estrutura que se articula em duas partes. A primeira é constituída por um capítulo de análise comparativa entre os 12 países

ressaltando semelhanças e diferenças, tendências e inovações. A segunda parte apresenta os capítulos das análises de cada país.<sup>8</sup>

Em nossa experiência no OBITEL, a atenção que damos às questões epistemológicas, teóricas e metodológicas permite que elas sejam renovadas e criadas no estudo de novos objetos comunicacionais, como acontece atualmente com a ficção televisiva nas redes sociais, as narrativas ficcionais transmídia, as métricas comunicacionais na internet e os novos receptores on-line como *virtual fandoms*. Todos esses objetos têm nos levado tanto à pesquisa de comunicação on-line como à pesquisa sobre a comunicação on-line.

Os estudos de temática epistemológica-metodológica sobre a pesquisa on-line propõem uma reflexão crítica focada sobre as próprias ferramentas utilizadas na construção da Análise de Redes Sociais (ARS). São elas que permitem observar conteúdos on-line que passam a ser vistos como “trabalho de texto” dos usuários ou fãs, no nosso caso, da ficção televisiva, além de utilizar bancos de dados, sites, links e plataformas. Aí, temos nos interessado pela metodologia da visualização, geralmente enfeixada na chamada *teoria dos grafos*, através da qual a descoberta de dados e temas publicados nas redes sociais permite realizar um mapeamento de temas e usuários ou “nós” e, portanto, observar o que a rede fala sobre determinado assunto e como se expressa.

As visualizações expressam um trabalho epistemológico, ou seja, de construção de conhecimento através da representação de relações e valorações sociais. Funcionam como a fotografia de um momento de objetos em constante atualização. As ferramentas que permitem a construção dessas visualizações vão desde *softwares* gratuitos disponibilizados em versão beta para testes até sistemas desenvolvidos especialmente para corporações e agências de publicidade de acordo com a demanda dos clientes. A maioria dessas ferramentas são construídas com base em algoritmos matemáticos e desenvolvidas para buscar palavras-chave ou categorias de marcas ou produtos. Oferecem variedade de *layout* por rede social apresentando análises quantitativas do volume de conteúdo gerado pelos

---

8. O conjunto desse trabalho permanente do Observatório já resultou na publicação de nove *Anuários Obitel* e nesses dez anos de sua existência também consolidou parcerias exitosas entre o campo acadêmico, na figura das universidades ibero-americanas que apoiam os grupos de pesquisa OBITEL, e o campo profissional – Globo Universidade do Grupo Globo e os diversos institutos de medição de audiências, notadamente Kantar IBOPE e Nielsen. O conjunto das publicações do OBITEL está listado ao final do texto.

usuários nas redes, conteúdos e usuários mais citados e análises qualitativas sobre a modelização de conteúdos produzidos por eles.

Em estudos anteriores, o foco principal esteve nos *conteúdos gerados pelos usuários* (CGU) que culminaram em produtivas reflexões sobre métodos e técnicas automatizadas de coleta de dados, o que possibilitou a aplicação de métricas e a obtenção de índices de alcance e de engajamento daqueles conteúdos. Ademais, permitiram esclarecer algumas características das atividades desenvolvidas pela audiência.<sup>9</sup> A partir dessa perspectiva, é possível afirmar que talvez nunca tenhamos observado, como no momento atual, tão intenso fluxo de conteúdos produzidos pelos usuários e fãs que atravessam diferentes mídias e que são reinventados a partir de cada uma delas, integrando assim o que passou a ser largamente chamada de *narrativa transmídia* ou *transmedia storytelling*.

No momento sentimos necessidade de aprofundar os estudos de abordagem qualitativa que têm o potencial de iluminar a existência do fã onde ele melhor pode ser entendido, em comunidade de pares, isto é, no chamado *fandom*. O desafio é dar um passo além dos estudos dos conteúdos e trazer à luz os processos estruturantes desse conteúdo, como cultura de fãs, cultura participativa, comunidade de fãs, trabalho de fãs (colaborativo, voluntário, remunerado). Foi isso que quisemos apontar no título do último livro publicado *Por uma teoria de fãs da ficção televisiva brasileira* (Lopes org., 2015c).<sup>10</sup>

Essa é a nossa atual temática de estudo – os *fãs on-line* –, que consideramos herdeira dos estudos latino-americanos de recepção, e que está sendo abordada através de práticas e comportamentos e como audiência ativa e produtora de conteúdos nas diversas redes digitais. Essa abordagem incide principalmente na figura do fã coletivo, isto é, nas comunidades de fãs nas redes sociais. O estudo é teórico com base empírica e, no limite, ambiciona demonstrar que os estudos de fãs na internet são herdeiros da tradição latino-americana dos estudos de recepção e a renovam combinando a permanência e o novo. Desse modo, estamos no OBITEL pesquisando a produção de fãs sobre a ficção televisiva dentro da grande área dos *Internet Studies* e descobrindo as novas dimensões e os novos sentidos dados por essa produção às nossas teses sobre a telenovela como *narrativa da nação*

9. Lembrando que a “recepção transmídia” é analisada nos anuários OBITEL desde 2010.

10. Último livro do OBITEL BRASIL, rede nacional do OBITEL, constituído por grupos de pesquisa brasileiros da temática da ficção televisiva.

e como *recurso comunicativo*. Em outros termos, estamos trabalhando os novos sentidos das mediações comunicativas na cultura participativa e compartilhada da era digital.

## AO MODO DE UMA CONCLUSÃO

Minha história de vida intelectual, a que tentei dar sentido no que escrevi acima, colocou-me na posição de sujeito e objeto de mim mesma. De um sujeito que se volta sobre seu passado e que deve fazê-lo com as lentes do que é hoje. Por isso, este ensaio de autorreflexão mistura, como não podia deixar de ser, subjetivismo e memória seletiva com a objetivação da produção acadêmica que desenvolvi no campo da Comunicação. E que está resumida no título mesmo deste texto, o interesse pela pesquisa empírica em Comunicação, desde a de recepção até a de fãs na internet e pela história e epistemologia desse campo. Com todos os desafios, lutas, perplexidades e prazeres que a produção de conhecimento implica. Enfim, o que este texto demonstra é que reflexão e vivência são indissociáveis.

Creio que as palavras de Pierre Bourdieu, autor destacado nas minhas referências, cabem bem para uma síntese conclusiva de meu percurso intelectual: “existem muitos intelectuais que interrogam o mundo, mas há poucos intelectuais que interrogam o mundo intelectual”. A vida me deu a oportunidade de escolher e de trabalhar com esses últimos.

## REFERÊNCIAS

- Ang, I. (1985). *Watching Dallas*, London: Methuen.
- Appadurai, A. (1996). *Modernity at large*. Minneapolis: Minnesota University.
- Bachelard, G. (1949). *Le rationalisme appliqué*. Paris: Presses Universitaires de France.
- (1972). *La formación del espíritu científico*. Buenos Aires: SigloXXI.
- (1974). *Epistemologia*. Barcelona: Anagrama.
- Bourdieu, P. et al. (1975). *El ofício de sociólogo*. México: Siglo XXI.
- . (1983). O campo científico. In: *Pierre Bourdieu*. São Paulo: Ática.
- Granger, G-G. (1960). *Pensée formelle et science de l’homme*. Paris: Aubier.
- Greimas, A.J. & Courtés, J. (s/d). *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Cultrix.
- Lopes, M.I.V. (1988). *O Rádio dos Pobres. Comunicação de massa, ideologia e marginalidade social*. São Paulo: Loyola.
- . (1990). *Pesquisa em comunicação. Formulação de um modelo metodológico*. São Paulo: Loyola, [2014 ,12ª ed.].

- \_\_\_\_\_. (1993). Estratégias metodológicas da pesquisa de recepção. *INTERCOM Revista Brasileira de Comunicação*. v. XVI, n.02, p. 78-86.
- \_\_\_\_\_. (1994). Reflexiones metodológicas sobre la investigación de recepción. In: R. Fuentes Navarro; R. Reguillo. (orgs.). *Investigar la comunicación – propuestas iberoamericanas*. México: Universidad de Guadalajara.
- \_\_\_\_\_. (1997). O estado da pesquisa de comunicação no Brasil. In: M.I.V. Lopes (org.). *Temas contemporâneos em comunicação*. São Paulo: Edicom/ INTERCOM.
- \_\_\_\_\_. (1998). *Mercado de trabalho dos egressos dos cursos de Comunicação Social no Brasil. Resultados de uma pesquisa nacional de diagnóstico e avaliação*. Tese de Livre-docência. São Paulo: ECA-USP.
- \_\_\_\_\_. (1999). La investigación en Comunicación: cuestiones epistemológicas, teóricas y metodológicas. *Diálogos de la Comunicación*, Lima – Peru, no. 56, p. 13-2.
- \_\_\_\_\_. (2000a). A institucionalização dos estudos de Comunicação no Brasil. In: M.I.V. Lopes & M. Buonanno. (orgs.). *Comunicação no plural – Estudos de Comunicação no Brasil e na Itália*. 1ed. São Paulo: Educ e Intercom, p. 49-65.
- \_\_\_\_\_. (2000b). Por um paradigma transdisciplinar para o campo da comunicação. In: L. Dowbor, O. Ianni. (orgs.). *Os desafios da comunicação*. Petrópolis: Vozes p. 112-116.
- Lopes, M.I.V., Borelli, S.H.S. & Rezende, V. (2002). *Vivendo com a telenovela: mediações, recepção, teleficcionalidade*. São Paulo: Editora Summus.
- Lopes, M.I.V. (2003a). Sobre o estatuto disciplinar do campo da Comunicação. In: Maria Immacolata Vassallo de Lopes. (org.). *Epistemologia da Comunicação*. São Paulo: Loyola, p. 277-293.
- \_\_\_\_\_. (2003b) Telenovela brasileira: uma narrativa sobre a nação. *Comunicação & Educação*, v.1.
- \_\_\_\_\_. (2005). As fronteiras entre as ciências sociais vistas da comunicação: Uma aproximação aos estudos sociais das ciências. *E-Compós* (Brasília), Brasil, v. 1, n.1, p. 01-19.
- \_\_\_\_\_. (2006). Observatório Ibero-Americano da Ficção Televisiva: projeto metodológico e quadro teórico. *Anais do XV Encontro Anual da Compós*, Bauru.
- \_\_\_\_\_. (2006a). Una metodología para las mediaciones. In: G.Sunkel. (org.). *El consumo cultural en América Latina II*. Santafé de Bogotá: Editora Convênio Andrés Bello, p. 363-410.

- Lopes, M.I.V. & Romancini, R. (2006b) Teses e dissertações: estudo bibliométrico na área da Comunicação. In: Población, Dinah et al. (orgs.) *Comunicação & Produção científica*. São Paulo: Angellara, p.139-161.
- Lopes, M.I.V. & Romancini, R. (2009a) A rede social da Comunicação e seus grupos de pesquisa. In: Población, Dinah et al. (orgs.). *Rede sociais e colaborativas em informação científica*. São Paulo: Angellara.
- Lopes, M.I.V. (2009b). Telenovela como recurso comunicativo. *MATRIZES*. vol. 3 (1).
- . (2010). Reflexividade e relacionalismo como questões epistemológicas na pesquisa empírica de comunicação. In: J.L.Braga; M.I.V. Lopes & L.C.Martino (orgs.). *Pesquisa Empírica em Comunicação*. São Paulo: Paulus, p. 27-49.
- . (2011a). Uma agenda metodológica presente para a pesquisa de recepção na América Latina. In: N. Jacks (coord./org.). *Análisis de recepción en América Latina*. Quito: Editorial Quipus, p. 409-428.
- . (2011b). Uma agenda metodológica para a recepção transmidiática da ficção televisiva. Anais do XX Encontro Anual da COMPÓS, Porto Alegre.
- Lopes, M.I.V. & Romancini, R. (2015a) History of Communication Study in Brazil: The Institutionalization of an Interdisciplinary Field. In: P. Simonson; D. W. Park. (eds.). *The International History of Communication Study*. New York: Routledge, p. 346-366.
- Lopes, M.I.V. & Freire, C. P. (2015b). A dimensão epistemológica do monitoramento on-line: para um estudo crítico das técnicas de pesquisa na internet. In: M. Ledo Andión; M.I.V. Lopes. (orgs.). *Comunicación, cultura e esferas de poder*. São Paulo: ASSIBERCOM/AGACOM, p. 229-251.
- Lopes, M.I.V. (org.). (2015c). *Por uma teoria de fãs da ficção televisiva brasileira*. Porto Alegre: Sulina.
- Martín-Barbero, J. (1987). *De los medios a las mediaciones*. Barcelona: Gustavo Gili.
- Martín-Barbero, J. (2001) Pistas para entre-ver meios e mediações. *Dos meios às mediações*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ. (Novo prefácio).
- Martín-Barbero, J. (2009). Uma aventura epistemológica. *MATRIZES* vol.2 (2), p.143 a 162.
- Vattimo, G. (1992). *A sociedade transparente*. Lisboa: Relógio d'Água.



### **Anuários OBITEL**

- LOPES, M. I. V.; VILCHES, L. (orgs.) (2007). *Culturas y mercados de la ficción televisiva en Iberoamérica*. Barcelona: Gedisa.
- LOPES, M. I. V.; VILCHES, L. (orgs.) (2008). *Mercados globais, histórias nacionais*. São Paulo: Globo.
- LOPES, M. I. V.; OROZCO GÓMEZ, G. (orgs.) (2009). *A ficção televisiva em países ibero-americanos: narrativas, formatos e publicidade*. São Paulo: Globo.
- LOPES, M. I. V.; OROZCO GÓMEZ, G. (orgs.) (2010). *Convergências e transmidiação da ficção televisiva*. São Paulo: Globo.
- LOPES, M. I. V.; OROZCO GÓMEZ, G. (orgs.) (2011). *Qualidade na ficção televisiva e participação transmidiática das audiências*. São Paulo: Globo.
- LOPES, M. I. V.; OROZCO GÓMEZ, G. (orgs.) (2012). *Transnacionalização da ficção televisiva nos países ibero-americanos*. Porto Alegre: Sulina.
- LOPES, M. I. V.; OROZCO GÓMEZ, G. (orgs.) (2013). *Memória social e ficção televisiva em países ibero-americanos*. Porto Alegre: Sulina.
- LOPES, M. I. V.; OROZCO GÓMEZ, G. (orgs.) (2014). *Estratégias de produção transmídia na ficção televisiva*. Porto Alegre: Sulina.
- LOPES, M. I. V.; OROZCO GÓMEZ, G. (orgs.) (2015). *Relações de gênero na ficção televisiva*. Porto Alegre: Sulina.

### **Publicações do OBITEL-BRASIL**

- LOPES, M.I.V. (org.) (2004). *Telenovela. Internacionalização e Interculturalidade*. São Paulo: Loyola.
- LOPES, M.I.V. (org.) (2009). *Ficção televisiva no Brasil: temas e perspectivas*. São Paulo: Globo, 2009.
- LOPES, M.I.V. (org.) (2011). *Ficção televisiva transmidiática no Brasil: plataformas, convergência, comunidades virtuais*. São Paulo: Sulina, 2011.
- LOPES, M.I.V. (org.) (2013). *Estratégias de transmidiação na ficção televisiva brasileira*. Porto Alegre: Sulina, 2013.
- LOPES, M.I.V. (org.) (2015). *Por uma teoria de fãs da ficção televisiva brasileira*. Porto Alegre: Sulina.